**Democracia e valores evangélicos – Frei Betto**

*Artigo publicado originalmente no jornal O Globo*

No tempo de Jesus, a questão da democracia já estava posta, porém apenas em uma região distante da Palestina: a Grécia. Dominada pelo Império Romano, a Palestina era governada por homens nomeados ou consentidos por Roma – o rei Herodes, os governadores Pôncio Pilatos, Herodes Antipas, Arquelau e Felipe, e o sumo sacerdote Caifás.

O que aparece de novo em Jesus é a velha questão à qual ele dá um enfoque radicalmente diferente de seus contemporâneos: o poder, já objeto de reflexão dos filósofos gregos desde Sócrates. Ao tema, Platão dedicou o livro “República” e Aristóteles a obra “Política”.

No Primeiro Testamento, o poder é mais do que dádiva divina. É a maneira de participar do poder de Javé. É através de seus profetas que Javé escolhe e legitima os poderosos. Todavia, nenhum deles, ao contrário do que ocorria no Egito e em Roma, era divinizado pelo fato de ocupar o poder. Ainda que escolhido por Deus, o poderoso permanecia falível e vulnerável ao pecado, como foram os casos de Davi e Salomão. Não se auto divinizava como os faraós egípcios e os césares romanos.

Até na Grécia, Alexandre Magno, em desespero por manter centrada em si a unidade de suas conquistas, tratou de auto divinizar-se, exigindo que seus soldados o adorassem.

Jesus imprimiu outra ótica ao poder. Para ele, não se trata de função de mando, e sim de serviço. É o que afirma em Lucas 22, 24-27: “Os reis das nações as dominam e os que as tiranizam são chamados Benfeitores. Quanto a vós, não deverá ser assim; pelo contrário, o maior dentre vós torne-se como o mais jovem, e o que governa como aquele que serve. (…) Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve!” Jesus deu o exemplo ao afirmar que “o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10, 41-45) e ajoelhou-se para lavar os pés dos discípulos.

O que levou Jesus a inverter a ótica do poder foi a pergunta: a quem deve servir o poder em uma sociedade desigual e injusta? À libertação dos pobres, respondeu ele, à cura dos doentes, ao acolhimento dos excluídos. Este o serviço por excelência dos poderosos: libertar o oprimido, e fazer com que ele também tenha poder.

O poder é uma prerrogativa divina para o serviço do próximo e da coletividade. Tomado em si, perverte. A pessoa tende a trocar a sua identidade pessoal pela identidade funcional. O cargo que ocupa passa a ter mais importância do que a sua individualidade. Por isso, muitos se apegam ao poder, pois torna o desejável possível. Imanta o poderoso de modo a atrair veneração e inveja, submissão e aplausos.

Para que o poderoso não se deixe embriagar pelo cargo que ocupa, Jesus propõe que ele ouse submeter-se à critica de seus subalternos. Quem de nós é capaz disso? Qual o pároco que indaga de seus paroquianos o que pensam dele? Qual o dirigente de movimento popular que solicita de seus dirigidos avaliação de seu desempenho no cargo? Qual político pede a seus eleitores que o critiquem? No entanto, Jesus não temeu indagar dos discípulos o que pensavam a respeito dele e, como se não bastasse, perguntou também o que o povo pensava dele (Mt 16, 13-20).

A questão do poder é o coração da democracia. Esta significa, etimologicamente, governo do povo, para o povo. No entanto, ainda permanece, na maioria dos países, no estágio meramente representativo. Para se tornar participativa, a democracia deverá ser expressão do fortalecimento dos movimentos populares. Um poder – o do Estado ou da classe dominante – só admite limites e evita abusos na medida em que se defronta com outro poder: o do povo organizado. Essa a condição para que a democracia baseie a liberdade individual e os direitos humanos na justiça social e na equidade econômica. É falsa a democracia que concede a todos liberdade virtual e exclui a maioria de bens econômicos essenciais, como o acesso à alimentação, à saúde, à educação, à moradia, ao trabalho, à cultura e ao lazer.

**Frei Betto** é escritor, autor de “A Mosca Azul – reflexão sobre o poder” (Rocco), entre outros livros.

<https://ceseep.org.br/democracia-e-valores-evangelicos-frei-betto/>